QUEM É ESTA QUE SOBE DO DESERTO E VEM ENCOSTADA AO SEU AMADO?

Celso Loraschi

O *Cântico dos cânticos* ou *Cantares* é um livro que provocou e continua provocando polêmicas. Penetrar em seu sentido mais profundo constitui um grande desafio.

Os comentários a respeito desse livro são os mais variados. As interpretações vão desde as que o concebem como um poema nascido só e unicamente para simbolizar o amor de Deus ao povo até as que o consideram um cântico criado só e unicamente para cantar a beleza do amor humano.

Os rabinos judeus, em sua interpretação alegórica, lembram a Aliança de Javé (o amado) com o seu povo (a amada). A busca mútua expressa o dinamismo do amor de Deus para com o seu povo. É o mesmo tema do matrimônio que os profetas desenvolveram desde Oséias. Há uma espécie de conaturalidade entre o texto do Cântico dos cânticos e a tradição judaica. É o que podemos perceber nestes dois textos de antigos rabinos (*Genesis Rabbá* e *Zohar Terumá*):

> "Quando Adão pecou, Deus subiu ao primeiro céu, afastando-se da terra e dos homens. Quando Caim pecou, subiu ao segundo céu. Com a geração de Henoc subiu ao terceiro, com o dilúvio ao quarto, com a geração de Babel ao quinto, com a escravidão do Egito subiu ao sexto céu e ao sétimo céu, o último e o mais distante da terra. Porém Deus voltou à terra no dia em que foi dado a Israel o Cântico dos cânticos" (citado em G. Ravasi, 12).

A Escola de Alexandria, na tradição cristã, dá um sentido óbvio ao Cântico dos cânticos: o amor entre uma mulher e um homem. É o sentido literal que leva em conta os próprios termos que aí se encontram.

Os Pais da Igreja desenvolvem, sobretudo, o sentido alegórico, aplicando-o ao amor entre Cristo e a Igreja, entre Deus e a alma...

Além dessas, há a interpretação histórica, onde as protagonistas de Cântico dos cânticos reagem contra a ideologia de um sistema que oprime e exclui.

A origem do texto

Os estudiosos do século XIX, usando o método comparativo, descobrem outros cânticos de amor, muito antigos, no contexto cultural da Mesopotâmia, em Canaã e no mundo árabe. São trovas e cantatas populares que animam o povo em seus encontros festivos. A Bíblia hebraica coloca o Cântico dos cânticos no conjunto dos livros conhecido como "Meguillot" ou rolos recitados durante as grandes festas: Rute, na

festa de Pentecostes; Lamentações, lido no grande jejum comemorativo da destruição do templo em 587 aC; Eclesiastes, na festa das Tendas; Ester, na festa de Purim, e Cantares é apresentado na festa da Páscoa, revestido de muito movimento e alegria.

A exegese moderna liga o Cântico dos cânticos com os textos que revelam os rituais da fertilidade em Canaã e no mundo assírio-babilônico. O rito é sustentado pelo mito, como o do deus Baal que se une com a deusa da fertilidade (Anat Asherá), garantindo fertilidade à terra, aos animais e às pessoas. Este mito é transposto aos casamentos sagrados dos reis. Ou como aquele mito da deusa Ishtar que desce ao inferno para libertar o seu amado, o deus Baal[1]. Portanto, estes mitos, de origem pré-monárquica, podem servir de pano de fundo do texto de Cantares.

Um texto provocador

O livro de Cantares, que não fala de Deus (cita uma única vez a palavra "Javé", em 8,6) e usa a linguagem de um amor apaixonado, tem causado dúvidas a respeito de sua canonicidade. O apelo à tradição tem salvado sua manutenção na lista dos livros sagrados. Com todas as possíveis interpretações: alegórica, natural, mítico-cultural, histórica e outras, estamos diante de um livro que evoca novos caminhos, provoca novos posicionamentos e projeta novas relações entre mulheres e homens.

É um livro que aprofunda o sentido antropológico e teológico da conversão e da busca. O amor da amada e do amado é caminho aberto, processo dinâmico, sonho sempre em realização. Convido a leitora e o leitor a relerem o Cântico dos cânticos no intuito de descobrir as indicações aí apontadas como proposta de alternativa de vida social justa e fraterna. Uma vida organizada tendo como ponto de partida o amor entre uma mulher e um homem.

Um texto de mulher

Ela se autoqualifica de negra e formosa. Denuncia a exploração por parte de seus irmãos que a obrigam a trabalhar nas vinhas, onde é queimada pelo sol. A sua vinha, porém, é só dela. Apesar de seus irmãos, desde a sua pré-adolescência, planejarem o que irão fazer com ela quando vierem pedi-la em casamento, não conseguirão o seu intento. Sua vinha é só dela! O casamento não se realizará à moda dos seus irmãos. Aliás, nem será casamento. Será o amor vivido com o amado de sua vida à maneira ditada pelo seu coração. Ela vai construindo este amor livre com toda a paixão de seu ser. Ao seu amado, livremente escolhido, entrega-se sem reservas.

"Que me beije com beijos de sua boca": é a declaração que abre o livro. O clima todo que o perpassa é de abraços sem conta, de carinhos, de prazer, de alegria, de festa, de êxtases... Mas também de ansiedades, tristezas, perigos, ameaças... É uma vida de

1. A respeito desses mitos, sua origem e significados ler, neste mesmo volume de *Estudos Bíblicos*, a interessante análise de Soave BUSCEMI: De Luas, Cobras, Mulheres e Tamareiras.

encontros e desencontros onde ela e seu amado se aproximam e se distanciam, se revelam e se escondem, dialogam e silenciam, numa busca mútua e teimosa: a busca do verdadeiro rosto um do outro e do sentido profundo da relação que os une. O sentido dado para além de qualquer instituição político-religiosa que, com sua doutrina, tenta manter a consciência pessoal e coletiva sob total submissão aos seus interesses. Veremos isto mais adiante.

De corpo inteiro

A iniciativa é quase toda da mulher que se deixa contaminar pela doença do amor. É ela que inicia manifestando, arrojadamente, os seus desejos àquele que é o enamorado de sua alma. Sua presença (e sua ausência) é sentida em todos os lugares. O cheiro do seu corpo, a suavidade do seu perfume, a poesia do seu nome lança-a à conquista do seu coração. Mas tudo permanece ainda por se realizar. Ele é um pastor sempre vagueando com seu rebanho, difícil de ser encontrado. Ela é uma camponesa que busca como e com quem ser feliz. Vejo aqui, na ótica sociopolítica do pós-exílio, os agricultores e pastores em movimento: buscam superar conflitos que os separam. Faz-se necessária a união de forças em vista do novo contexto que ameaça acabar com a fonte de subsistência das duas categorias: a terra. Ela está sendo usurpada pelos que detêm o poder do templo. A terra não é mais de Deus e, assim, não é mais dos camponeses e dos pastores. Para isso, o próprio Deus está sendo jogado para dentro do templo; está sendo "trancado" no lugar mais inacessível: o santo dos santos.

A Sulamita (este é o nome dado à amada) não se conforma. Mulher autônoma e independente não descansa enquanto não vê seu sonho realizado. Deus precisa ser libertado das amarras do templo. A terra precisa ser libertada!

Ela ouve a voz do seu querido e o vê correndo pelos montes na sua direção. Ela o sente sempre mais próximo, chegando à porta do seu quarto. Ouve-o convidando-a a sair pelos campos. É primavera! Toda a natureza é convocada a participar, com entusiasmo, do amor que vai crescendo e se fazendo pleno. Os animais se rejubilam solidários. O ar se enche de aromas. A corporeidade humana se faz presente e se revela com toda a sua nudez. Transparecem os encantos de cada parte do corpo, os seus mistérios mais profundos que constituem a originalidade do ser mulher e do ser homem. Mistérios só revelados e experimentados por quem se entrega livre e totalmente ao amor. "Abraçada ao seu 'rei', a mulher aguarda ser introduzida na alcova (literalmente 'nos aposentos internos'), a área reservada e quase sagrada, o tálamo nupcial onde se consumará o amor, onde a alegria explodirá numa festa do corpo, do espírito e da vida" (Ravasi, 1988, p. 43).

É um amor que arrebata e foge integralmente dos esquemas preestabelecidos, sejam religiosos ou políticos. Os esquemas restringem e oprimem as relações. Restringem, porque formalizam. Oprimem, porque são construídos a partir de interesses de quem domina. O amor de Cantares rompe as barreiras das convenções e preconceitos. Zomba da força miserável dos poderosos. Voa livre. Vê longe e profundo.

O diálogo dos amantes não poupa elogios sinceros que nascem da mútua contemplação. A amada apresenta o seu corpo de mulher. Exprime seus próprios sentimentos. Descreve o corpo masculino. Para cada parte, da cabeça aos pés, possui um qualificativo. Busca ver a face do amado e ouvir atentamente o sussurro de sua voz. Provoca a ação amorosa e saboreia-a em plenitude. Ele, com rara sensibilidade, descreve o corpo da amada, revelando toda a sua formosura dos cabelos aos pés. Com imagens tiradas do universo da natureza e da história, mulher e homem vão se conhecendo, entrelaçando suas vidas, abrindo caminhos que conduzem à realização mais profunda. Amor assim só pode ser "faísca de Javé". Mesmo que não fale de Deus, tudo o que aí é apresentado é expressão de Deus-Amor na concretude da relação humana: mulher e homem feitos à sua imagem e semelhança.

Existem, porém, perigos. Estão aí as raposas, os leões e panteras. Estão aí os irmãos que querem exercer total domínio sobre a irmã e tirar dela todo o proveito possível. Estão aí os soldados, as nobres mulheres e toda a realidade da cidade que impedem o encontro da amada com o seu amado. Está aí o rei Salomão com sua vinha e seu poder econômico que compra até mesmo o destino das mulheres.

Resistência ao projeto sacerdotal

Já situamos a época da redação final do livro de Cantares. Estamos em época pós-exílica. Com a volta dos exilados da Babilônia, em 538 antes de Cristo, o povo de Israel busca reorganizar sua vida. A dominação é do Império Persa que permite a liberdade religiosa aos repatriados. Esdras (sacerdote) e Neemias são indicados para liderar o projeto de reconstrução nacional a partir da edificação do segundo templo. Apesar de oposições como a dos samaritanos (Esd 4) e de grupos proféticos (Is 56–66), vence o projeto sacerdotal.

Toda a vida social é reestruturada ao redor da lei e do templo. Acaba-se o ideal tribal que mantinha a vida das famílias que permaneceram na terra durante os 50 anos do exílio na Babilônia. A mulher, que no tribalismo vivia uma relação de igualdade e participação partilhada na família e no clã, agora a vemos trabalhando na reconstrução dos muros de Jerusalém (Ne 3,12); participa também da cerimônia da leitura da Torá (Ne 8,2-4); há a mulher profetisa (Ne 6,14). Mas também ela é reduzida a moeda de troca entre famílias, sendo o casamento, muitas vezes, um excelente negócio para o pai ou os irmãos da noiva.

Além disso, o novo sistema leva as famílias a comerem o pão da miséria e do desespero a ponto de penhorarem todos os seus bens e seus próprios corpos para garantir o mínimo de subsistência (Ne 5,1-5). Os sacerdotes organizam o sistema do puro e do impuro. Surgem as genealogias. Impõe-se o ideal da raça pura. As mulheres estrangeiras, casadas com judeus, devem ser mandadas embora (Esd 9). O patriarcalismo surge com toda sua força. Toda a vida das pessoas é controlada e regulada. Para ter uma idéia da ideologia sacerdotal e suas conseqüências no cotidiano da vida do povo basta ler o livro de Levítico e também Ex 25–31 e 35–40.

A religião do templo torna-se uma carga muito pesada nos ombros da população. Os pobres, com o sistema de pureza, são empurrados sempre mais à margem. Especialmente sofre a mulher, pois além de já nascer pertencendo à categoria das pessoas impuras, a lei controla até mesmo as diversas secreções do seu corpo. Portanto, os camponeses, os pobres, as mulheres, as crianças, os doentes, os estrangeiros permanecem impuros ou se endividam para conseguir a purificação, aumentando a sua dependência em relação aos sacerdotes do templo. Porém, há uma outra saída: organizar-se por caminhos não oficiais. É aí que surgem movimentos de resistência como o de Rute, Ester, Jonas, Jó, Judite e o nosso Cântico dos cânticos.

Um movimento de mulheres

A quase total predominância da mulher nesse livro demonstra que se trata de um movimento feminino. É um movimento de rebeldia contra os homens do templo, cuja ideologia machuca profundamente o ideal dos pequenos agricultores, dos pastores, de suas famílias e clãs. É um movimento de reivindicação do direito sobre o seu próprio destino. É um direito de libertação da terra, cujos frutos devem servir à vida de quem nela trabalha. É um direito que envolve a liberdade no governo de seu próprio corpo.

A insistência na descrição da beleza dos corpos, nos mínimos detalhes, revela o grande objetivo desse movimento que é libertar-se das exigências absurdas do templo e da lei de pureza. A ênfase dada à busca e à escolha livre do amado do seu coração revela a opção das mulheres pelo rompimento do sistema sacerdotal, fortemente marcado pelo machismo e patriarcalismo.

O amor construído na liberdade de consciência substitui o legalismo que oprime e exclui. A identificação dos enamorados – camponesa e pastor – situa o espaço vital desse movimento. Ele vem do campo. A cidade é lugar de violência. Daí a evocação de toda a simbologia da natureza, do cosmos e dos animais, próprios do mundo campesino. Daí o convite para viver o amor com toda a sua intensidade debaixo da macieira, no espaço da roça-pomar-jardim (cf. Milton Schwantes, *Estudos Bíblicos*, nº 40).

A proposta: resgatar o ideal original

No começo era diferente. A proposta é de volta ao estado original da criação de Deus. Mulher e homem se reconhecem uma frente ao outro, numa relação de total transparência e confiança. Ambos usufruem da terra como espaço de liberdade e vida em abundância. É, na verdade, o resgate de uma religião que o projeto dos reis (monarquia) e dos sacerdotes (2º templo) usurpou: a religião do amor que se faz carne no cotidiano da existência. Uma religião reconquistada por caminhos somente suscitados pelo Espírito de Deus no meio das pessoas excluídas. É a ação de Javé que sempre intervém na história em favor dos oprimidos, apontando para o grande ideal da fraternidade: "Ah, se fosses o meu irmão!" (8,1). Sim, o amor é mais forte do que os poderosos, vence a própria morte.

Um novo êxodo

Eis que ela (a amada) sobe do deserto encostada ao seu amado. É a indicação de vitória do projeto de liberdade e vida. O deserto lembra o caminho trilhado pelo povo de Israel, saindo da opressão egípcia e conquistando a terra sem males. O deserto é a fonte de resistência e militância dos oprimidos. É memória perigosa que suscita alternativas de organização social. E lembremo-nos de que também aquele projeto – o do Êxodo – foi gestado pela atitude rebelde de algumas mulheres parteiras (Ex 1,15-22).

Na trilha do Cântico dos cânticos

Ao pontualizar estas reflexões, partindo do caminho aberto pelas mulheres no contexto de reconstrução do segundo templo, ao redor do ano 400 aC, tive a intenção de contribuir na tarefa que todos abraçamos: construir relações novas. As protagonistas de Cantares levantam a proposta do amor livre e libertador como o caminho que vence as barreiras impostas por grupos de poder nas igrejas e na sociedade. Podemos aprofundar essa proposta ligando ao contexto em que vivemos hoje. Para isto acrescento algumas considerações hermenêuticas que podem ser acrescidas a partir da realidade de cada um/a:

• Deus criou o ser humano à sua imagem e semelhança: "homem e mulher ele os criou" (Gn 1,27). Cantares é uma crítica ao modo como os rabinos formulavam a teologia da criação dentro da ideologia do sistema do puro e do impuro. Cantares quer recuperar o sentido original da igualdade entre a mulher e o homem.

• Igualdade não é uniformidade. A amada e o amado conservam sua originalidade. Mulher e homem são constituídos de corpos e psicologia originais. Aí reside a beleza do amor, mas também a sua dificuldade. A diferença atrai e completa a ambos, mas também revela as limitações e barreiras no caminho do conhecimento mútuo: há buscas e fugas; encontros e desencontros, prazer e dor, união e separação... É necessário empenho carinhoso para a descoberta mútua do dinamismo próprio de cada um. Entrar no caminho do conhecimento das diferenças é entrar no processo de contínuo amadurecimento na dinâmica do dar e receber na gratuidade. Assim, ambos vão se descobrindo e se assumindo como "uma só carne na diferença". E explode o desejo em toda a sua intensidade, expandindo-se no compromisso de justiça social e de fraternidade.

• O Cântico dos cânticos é resistência contra a sujeição do amor a lógicas opressoras na época da dominação persa. Hoje, em nosso mundo capitalista, "a exploração do amor se dá por cinco lógicas opressoras:

1) a *econômica*, que reduz o amor a mera mercadoria, e a mulher, especialmente, a objeto sexual do macho;

2) a *política,* que instaura a censura, negando a sexualidade, impedindo a sua compreensão e interditando a sua prática;

3) a *sexológica*, que reduz o amor à técnica orgásmica, desvinculando a relação sexual do relacionamento amoroso;

4) a *ética*, que entende o amor como mero instrumento a serviço de um fim sublime: procriação;

5) a *religiosa*, que nega a eroticidade do amor, desgenitaliza-o, e coloca-o em posição inferior na hierarquia da espiritualidade (cf. Júlio Zabatiero, *Estudos Bíblicos*, nº 40).

• Na história das Igrejas cristãs foi sendo reforçada a visão dualista que foi integrada fortemente em nossa espiritualidade. O corpo, sobretudo o sexo, está ligado com a idéia de "perigo" e "pecado". Cantares é uma proposta de superação dessa visão. O corpo da mulher e do homem, em todas as suas partes, é belo e digno de ser contemplado e admirado em todos os seus detalhes. A sexualidade deve ser vivida em toda a sua beleza, sem preconceitos ou falsos moralismos. A pessoa humana é um ser inteiro. A espiritualidade também é corpórea e material, perpassa a natureza e a história, o mundo visível e o invisível, o pessoal e o social...

• Cantares é muito atual, em sua mensagem, também para a Igreja católica como instituição. Estamos vivendo um processo de desclericalização. Diz Gilberto Gorgulho: "O clericalismo é uma atitude antropológica ambígua, frustrante e prepotente". Por que nos demoramos tanto a abrir-nos às propostas de caminhos novos, apontados pelas "Sulamitas" de hoje?

• O amor do Cântico dos cânticos não é expressão de um romantismo vazio. Não se reduz a encontros mais ou menos agradáveis. O amor envolve o coração, a mente, o psíquico... É o ser inteiro livremente empenhado na realização do ideal de uma vida feliz para todas as mulheres e homens. Assim, torna-se revelador do verdadeiro rosto de Deus, que é o máximo em carinho, doçura, beleza, amizade e gostosura...

Referências bibliográficas

DAL POZZO, Aldo. "Projeto de felicidade de uma camponesa no Cântico dos cânticos", *Estudos bíblicos*, nº 53.

RAVASI, G. *Cântico dos cânticos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1988 (Col. Pequeno Comentário Bíblico).

STORNIOLO, I. & BALANCIN, E. *Como ler Cântico dos cânticos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

VV.AA. "Amor e paixão, o Cântico dos cânticos", *Estudos bíblicos*, nº 40. Petrópolis/São Leopoldo: Ed. Vozes/Sinodal, 1993.

Celso Loraschi
Paróquia Sagrada Família
Bairro Frei Rogério
88508-420 Lages, SC

Prov. do Paraná e S... ★ FREIS CAPUCHINHOS BIBLIOTECA CENTRAL